

CAPÍTULO III

NECESSIDADE DE UMA REFORMA DA IGREJA NO SÉCULO XVI

Evangelizatio verbi est precisior quam ministratio alicujus ecclesiastici sacramenti.
A pregação da Palavra está acima da ministração de qualquer sacramento da Igreja. – Wyclif, op. ev. I:375.

O Movimento Protestante do século XVI não foi como um continente que surgisse sem que ilhas o anunciassem. Enquanto ia sendo construído o sistema doutrinário e ritual da Idade Média, em diferentes partes da Europa apareciam sinais de descontentamento – e um prolongado esforço se fazia para realizar um programa de melhoria do estado da Cristandade Ocidental. A tentativa de melhorar as condições foi conduzida nos séculos XIV e XV por grupos de homens religiosos, não excedidos, em qualquer período da História da Igreja, na seriedade de seus propósitos morais. Ao tempo em que se levantou o Protestantismo, a necessidade da Reforma da Igreja havia alcançado seu ponto culminante, em face das corrupções do Vaticano. Os esforços feitos no sentido de libertar a Igreja de suas baixas condições espirituais e morais terminaram em completo insucesso, até que apareceu Lutero.

O ideal da Idade Média era um império religioso governado de Roma e abarcando o mundo. Nele se incluía um Código, cujas leis se destinavam a regular todos os atos humanos, e uma liturgia religiosa que encerrasse a todos os cristãos numa única forma de culto. Exaltava-se o sacerdócio e desprezavam-se os direitos do homem comum em face de Deus. O sistema fez do sacerdote o soberano da vida. Ao povo bastava obedecer. Não é justo dizer que todo o individualismo tivesse sido aniquilado por essa teocracia, que colocara em lugar da Divina Mensagem um sistema forjado pelo homem. A Idade Média assistiu aos mais nobres eventos; o aparecimento do escolasticismo, a fundação das universidades, a ereção das catedrais. Todavia, é verdade que todos os movimentos se avaliavam segundo sua maior ou menor eficácia no avolumar a autoridade do pontífice romano e da hierarquia. Qualquer iniciativa que diminuísse aquela autoridade, era combatida por todos os meios, espirituais e seculares.

Esse sistema avassalador, que não conhecia lei fora de sua própria vontade, foi, a princípio, contrariado pelos imperadores medievais, no interesse da independência do governo civil e, a partir do ano de 1200, pela dispersa dissidência popular, revelando-se através da constituição de seitas cristãs e através de escritos inspirados nos interesses da liberdade humana, sancionados pelo ensino dos Evangelhos e dos Apóstolos. Um terceiro movimento de resistência veio dos homens da Renascença, cuja riqueza de cultura afrouxava as algemas com que o poder sacerdotal havia agrilhado o espírito europeu. A despeito desses elementos de oposição, o sistema se mantinha imutável. Finalmente, veio a Reforma Protestante, corporizando as aspirações de liberdade intelectual e de liberdade de ensino Apostólico, num movimento que demonstrou ser permanente.

§ 1. Os maiores abusos medievais. - Os três maiores males desenvolvidos pela Igreja Medieval foram a presunção papal, o sistema sacramental e a Inquisição papal. Pela teoria da supremacia papal, o pontífice romano se julgava vice-regente de Deus, sendo sua voz equivalente à lei de Deus. A resistência que o indivíduo opusesse a um decreto seu, era como um desafio lançado contra Deus. A salvação cristã se fundava na obediência ao papa. A teoria de Gregório VII e de seus sucessores não apenas entrega ao sumo pontífice o governo de toda a Igreja, mas a te a suserania do poder civil, tornando-se o mesmo

pontífice responsável por todos os reinos e principados do mundo cristão, dos quais daria contas a Deus. O que os papas asseveravam eles o cumpriam, até onde fossem capazes. Henrique IV foi conduzido em humilhante submissão, a Canossa, por Gregório VII, em 1076. O bravo Frederico Barbarroxa ajoelhou-se diante de Alexandre III, por ocasião da Paz de Veneza – 1177. João da Inglaterra foi obrigado a ceder suas prerrogativas reais a Inocêncio III. A casa Imperial de Hohenstaufen foi levada à ruína pelos sucessores de Inocêncio, que declararam os herdeiros de Frederico II “geração pestilenta de um dragão de raça venenosa” – digna somente de extermínio deste mundo e de miséria no outro.

O sistema sacramental, segunda construção imponente da Idade Média, comunicava certas graças celestiais a uma série de atos litúrgicos, cuja virtude se derivava da ministração sacerdotal. Era prerrogativa do sacerdote retirar ou conceder o dom da vida eterna.

A Inquisição, terceira dentre as maiores construções e misérias eclesiásticas da Idade Média, tornou-se a polícia oficial da Igreja, por iniciativa de Inocêncio III. Ela tratava qualquer divergência do sistema eclesiástico como o pior dos crimes, para o qual a prisão ou a morte neste mundo e a perdição no mundo vindouro eram justas punições.

§ 2. A Bula “Unam Sanctam”. – A teoria medieval do poder eclesiástico e da dependência pessoal do sacerdócio encontra um sucinto delineamento na bula de Bonifácio VIII, a *unam sanctam*, publicada em 1302. Por sua intolerável arrogância, desacompanhada de força moral da parte do autor, a *délivrance* assinalou uma crise na história do domínio papal e foi seguida por uma era de ardente controvérsia em torno da extensão do poder papal. Bonifácio não soube discernir a mudança que ia experimentando o pensamento europeu. Fora-se o tempo em que, a uma palavra do Vaticano, rolavam exércitos para esmagar a inquietação religiosa. A Europa parecia pronta para um líder espiritual. Não deu as boas-vindas a um edito arbitrário. Quando Bonifácio foi eleito para o trono papal, o papado estava no pináculo de seu poder; por ocasião de sua morte, encontrava-se humilhado até o pó. Considerado do ponto de vista dos direitos humanos, nenhum pensamento mais sinistro saiu do Vaticano, do que a bula de Bonifácio, só se abrindo exceção para o decreto Vaticano da Infallibilidade Papal. Bonifácio fez três reivindicações: 1. A Igreja Cristã é um organismo único, sob o governo do bispo de Roma, a quem os gregos que “não são ovelhas de Cristo” devem obediência – para que entrem na nova arca de Noé, que é o refúgio da salvação. 2. O papa exerce autoridade sobre ambos os reinos – o espiritual e o civil. Com a espada espiritual distribui castigos espirituais; a espada civil deve ser desembainhada quando o papa ordena que tal se faça. 3. É inteiramente necessário a todo homem, para ser salvo, sujeitar-se ao romano pontífice – *subesse romano pontifici omnino esse de necessitate salutis*.

Essa peça resultou numa verdadeira bomba e desencadeou as forças vigorosas do descontentamento. Ataques contra as pretensas prerrogativas do papa se fizeram desde Roma até Paris, e de Oxford a Praga – ataques tais como o papado nunca, em séculos precedentes, tinha sido obrigado a enfrentar. Felipe IV de França, para quem a bula parecia conter alguma advertência, transformou-se em contendor do pontífice. Com o parlamento francês diante de si, denunciou a fulminação como obra do orgulho. Afirmando a independência do poder civil, disse ao papa que a Igreja é composta tanto de leigos como de clérigos – e apelava para um papa legítimo e um Concílio Geral. A humilhação de Bonifácio se completou quando foi preso por soldados franceses em, Anagni. Posto em

liberdade e restituído ao Vaticano, morreu em desespero ou, como afirmou seu médico espanhol – fora de seu juízo.¹

§ 3. O Exílio de Avinhão e o Cisma Papal, 1305-1417. – Tendo morrido Bonifácio, a Cristandade ficou sem papa certo número de meses. Afinal, Felipe conseguiu que um arcebispo francês fosse eleito papa. Sob o nome de Clemente V, foi o novo papa coroado em território francês e instalou em Avinhão a sede papal: ali os papas continuaram a residir por mais de setenta anos. Esse período, chamado cativo babilônico do papado, foi seguido nos últimos quarenta anos, pelo cisma papal: dois pontífices, cada qual protestando ser o sucessor legítimo de S. Pedro, reinaram contemporaneamente, um nas margens do Tibre, outro nas margens do Ródano. Graças a esses eventos, abalou-se a teoria segundo a qual Roma era o centro divinamente indicado do poder eclesiástico. Os mesmos eventos também despertaram na mente de alguns a convicção de que a Cristandade bem podia passar sem papa. Esta última idéia ainda mais se fortaleceu em face da corrupção moral da corte de Avinhão, que se tornou o opróbrio da Cristandade. O palácio papal havia se convertido no principal balcão da Europa. A avidez de seus exércitos de secretários e seu tráfico desabusado de emolumentos da Igreja tornaram-se, na época, o principal motivo de queixa. A simonia, certa vez tão fortemente denunciada por Gregório VII, tornou-se o pecado ilustre da Cristandade. Escrevendo a respeito do primeiro papa de Avinhão, Clemente V, e de seu sucessor, diz Pastor que a luxúria e a vida dissoluta prevaleciam na corte papal em escala alarmante. O papa não somente exercia o direito de preencher todos os cargos eclesiásticos, mas foi muito mais longe: estabeleceu o sistema de reservas e expectativas, mediante o qual os candidatos recebiam nomeações para sucessores em bispados e em outras dignidades, enquanto os respectivos titulares ainda viviam. De todas as partes da Europa ocidental os litigantes traziam suas causas a Avinhão, o que ensejava ao pessoal da residência pontifícia inesgotável fonte de extorsões. Em seu *Lamento da Igreja*, Álvaro Pelayo, bispo da época, bem familiarizado com as coisas sobre que escreveu, relata que todas as vezes que penetrava nas câmaras papais, encontrava mesas cobertas de moedas de ouro e uma hoste de empregados eclesiásticos contando-as e pesando-as. Petrarca, que visitou Avinhão, chamou-a Babilônia Ocidental e atribuiu à vida que ali se levava “tudo quanto de medonho jamais existiu ou foi imaginado por um espírito em desordem”. A cidade era o Monte Carlo da época.

O cisma papal, que começou em 1378, veio a ser, se possível, desgraça ainda maior que o exílio de Avinhão. Pastor o qualifica como a maior calamidade que se poderia imaginar viesse sobre a igreja. A túnica inconsútil de Cristo parecia partida em duas. Os escritores contemporâneos lamentavam que a Igreja não mais pudesse dizer: “Meu pombal é um”. A Europa estava dividida entre as duas obediências papais, como eram chamadas. Cada pontífice tinha seu próprio colégio de cardeais e cada um fulminava maldições contra o outro, considerando-o usurpador. A simonia progrediu em ambas as residências papais. De Bonifácio IX, da linha romana, disse um contemporâneo que ele não passava de uma voragem insaciável. – *vorago insatiabilis*. Outro escritor da época, Adão de Usk, afirma que, “embora saturado de simonia, Bonifácio não ficou satisfeito até o dia da morte”.

§ 4. Tentativas de Reforma da Igreja. – Os escândalos centralizados no ofício papal determinaram que, de grande parte da Cristandade ocidental, se erguessem clamores em prol de reformas na Igreja. Por mais de um século a reforma da Igreja foi assunto absorvente, uma reforma na cabeça e nos membros – *in capite et membris* – isto é, do papa

para baixo. As exposições teológicas da época precedente, escritas por eruditos, deram lugar a resoluções aprovadas por universidades e a oportunos tratados reclamando a remoção de prementes abusos da Igreja. Títulos como: *Ruína da Igreja e Necessidade de Reforma* dão certa idéia de sua intenção. Não se questionava sobre se a Igreja padecia de enfermidade; a questão era saber-se como poderia ser debelada a enfermidade.

Depois de inúteis apelos aos pontífices rivais, no sentido de conciliarem o cisma e a remediarem as calamitosas condições, o recurso preconizado pelas principais autoridades da Europa e pelos cardeais das duas obediências foi um Concílio Geral. A esse plano razoável os dois prelados, cada qual alegando ser legítimo chefe da Cristandade, negaram assentimento. É provável que nenhum dos Concílios da Igreja se reuniu jamais sob o domínio de tal sentimento de pureza de propósitos e com mais altas esperanças do que os três Concílios da primeira metade do século XV, que se instalaram em Pisa, Constança e Basileia, e são conhecidos na história como Concílios Reformatórios. Eles deram fim ao cisma papal; mas, como instrumentos destinados a instituir reformas, falharam. O Concílio de Pisa, 1409, depôs os papas rivais de Roma e de Avinhão, como “notórios heréticos e cismáticos, ofensores da unidade da Igreja”, e elegeu em lugar deles Alexandre V. Então a Cristandade assistiu ao espetáculo de três pontífices, cada qual pretendendo ser o sucessor legal de S. Pedro; porque ambos os reclamantes, de Roma e de Avinhão, recusaram-se a abdicar. Quanto às medidas para a reforma dos abusos da Igreja, o Concílio adiou para uma reunião futura.

A reunião de Constança, 1414-1418, uma das mais notáveis que jamais houve em solo europeu, tornou-se famosa por três coisas: solenemente proclamou a superioridade dos Concílios Gerais sobre o papa; queimou a João Huss e Jerônimo de Praga; debelou o cisma papal. Embora durasse quatro anos, o Concílio não fez grande progresso no embaraçante problema de corrigir os abusos da Igreja, tarefa que do mesmo modo se transferiu para um Concílio futuro. O terceiro Concílio Reformatório, reunido em Basileia, em 1431, teve contra si o papa; e em Ferrara, para onde fora transferido por Eugênio IV, a reforma da Igreja nem figurou entre os tópicos abertos à discussão. Assim, todas as altas esperanças de livrar a Igreja dos males com que era castigada, embora sustentadas pelos principais eclesiásticos da Europa, e reunindo três notáveis assembleias da Igreja, foram totalmente dissipadas.

§ 5. Escritos anti-papais. – De outra parte, a pena de escritores avançados enfraquecia a autoridade do papado. Duas séries de vigorosas composições tiveram início a propósito da contenda de Bonifácio VIII com Felipe IV. Os primeiros atacavam as pretensões civis e espirituais do papado. Entre seus autores figura Dante que, em sua *Monarquia*, denunciou a aspiração do papa à supremacia temporal e insistiu em que o imperador recebia de Deus sua investidura, por livre direito; e Constantino, conferindo, como se alegava, poderes temporais a Silvestre, agira sem autoridade para tal. Do grupo que atacou as funções espirituais do papado, Marsílio de Pádua e Wyclif são os mais proeminentes. Marsílio, um dos mais famosos panfletários da história, sustentou em seu *Defensor da Paz* muitas das atitudes mais tarde assumidas pelos Reformadores protestantes, tanto que Dollinger tem toda razão em chamá-lo – um Calvino completo antes de Calvino. Assegurou que a autoridade conferida a Pedro não era maior do que a dos demais apóstolos; que o papa conserva sua investidura, não por sanção divina, mas apenas na medida em que é reconhecido pelo Estado; que as Escrituras são a autoridade final; que os leigos devem tomar parte nos Concílios da Igreja e que a função de ligar e desligar é

declarativa e não judicial. Como Frederico II comparou Gregório IX ao cavaleiro montado no cavalo vermelho do Apocalipse, que destruiu a paz da terra, assim Marsílio trata o pontífice então reinante, João XXII, de “o dragão, a serpente antiga”. Wyclif, como se verá depois, foi igualmente audaz, e foi além, se possível, do italiano. As novas e frutíferas idéias tinham repercussões em Roma e em todo o mundo, e atraíam os mais severos castigos fulminados contra os que cuidassem de as propalar.

§ 6. O Pietismo no norte. – As reformas que os Concílios não foram capazes de iniciar, foram realizadas, em certa extensão, nas regiões ribeirinhas do Reno, da Suíça ao Canal Inglês. O movimento, conhecido pelo nome de Misticismo Germânico ou Dominicano, espalhou-se como raiz retirada de chão arenoso – e principalmente nos meios leigos. Não atacou as instituições eclesiásticas prevaletentes; mas, dando ênfase à religião pessoal e à vida correta, exaltava a piedade quotidiana em detrimento da aliança desigual dos sacramentos com o poder sacerdotal. Dignificava todas as ocupações legítimas, considerando a fidelidade do sapateiro tão honrosa quanto a fidelidade do prelado. Em seus sermões, Meister Eckart, um dos chefes do movimento, insistiu em temas tais como a filiação dos crentes, a cegueira do homem natural e a imediata iluminação do Espírito. João Tauler pregou muito sobre a conversão – *kehr* – e a piedade diária. Gerhard Groot e outros, na Holanda, cuidaram de auxiliar aos necessitados por meio de obras filantrópicas. Esses grupos pietistas usavam a língua vulgar nos sermões e copiavam manuscritos. Sua mais ampla influência se exerceu através das escolas em que eles ensinaram e que foram por eles fundadas. O derradeiro fruto de sua atividade foi a *Imitação de Cristo*, de Tomaz de Kempis, e o volume conhecido como a *Teologia Alemã*, em que se exalta a fé em Cristo como o meio suficiente de salvação. Este último livro foi posto no Index como pernicioso, em 1621. Lutero, que foi muito influenciado pela obra, qualificou-a como um poço profundo de sabedoria religiosa e comparou-as às águas puras tiradas da torrente do Jordão por algum Natanael. Aqueles místicos alemães apontaram o caminho da religião pura e imaculada e, embora tivessem afetado pouco a Igreja da época, prepararam o terreno para a Reforma alemã.

§ 7. Reformadores Doutrinários. – A baixa condição espiritual da Igreja despertou outro grupo de reformadores doutrinários; estes foram mais longe do que os Concílios Reformatórios, que apenas cogitaram de introduzir reformas na administração por meios constitucionais, e ainda mais longe foram do que os místicos, que se contentavam com as obras da piedade prática. Aqueles homens deliberadamente atacaram as definições e dogmas medievais e fizeram distinção entre as Escrituras e as interpretações eclesiásticas. Pertenciam a diversas partes da Europa: Wyclif à Inglaterra, Huss à Boêmia, Wesse e João de Wesel à Holanda. A esse número também pertence Savonarola, de Florença. Alguns desses reformadores foram presos; outros, como Huss, Jerônimo de praga e Savonarola, foram queimados. Wyclif morreu de morte natural, mas, por ordem do Concílio de Constança, seus ossos foram exumados e reduzidos a cinzas.

João Wyclif – 1320-1384 – a figura talvez mais eminente da história religiosa da Inglaterra, é merecidamente chamado a Estrela d’Alva da Reforma. Combateu, como patriota, o tributo anual de 1.000 marcos, que Inocêncio III havia imposto ao rei João; como guia religioso, censurou os monges em razão de sua ignorância e preguiça e pela desilusão que eles causavam ao povo. Apegando-se ao Novo Testamento como suprema fonte de verdade religiosa, pôs à margem a transubstanciação e outras doutrinas e práticas correntes

na Igreja, coisa que ele considerava “novidades” recentemente introduzidas na Igreja. Insistiu no direito de todo leigo à posse das Escrituras em sua própria língua. Em relação ao papa, a severidade de Lutero excedeu de muito pouco à do professor e publicista de Oxford. Wyclif denunciou o pontífice como o pior dos ladrões, exortando-o a abandonar a pompa mundana e a vanglória, regressando à simplicidade dos Apóstolos. Logo após sua morte, seus ensinamentos provocaram o ato inglês que autorizava a queima de hereges – 1402.

Na Boêmia, Wyclif veio a ser conhecido como o quinto evangelista. Seu espírito foi assimilado por João Huss, de Praga. Jamais teve um mestre mais devotado discípulo. Como o inglês, Huss era tanto um patriota como um reformador religioso, e, também como aquele, era professor de universidade e pregador. Seus escritos tornaram-no o principal autor entre os checos. Ele censurava o clero por seus pecados. Denunciava a fraude das relíquias sagradas. Pregava contra a venda de indulgências. Continuou a sustentar Wyclif depois que os escritos deste foram publicamente queimados pelo arcebispo de Praga. Intimado a ir a Roma, recusou-se a obedecer. Por sugestão de Segismundo e com promessa de salvo-conduto, foi a Constança, onde esperava que o ensino da Escritura fosse tratado como soberana autoridade. Foi metido na prisão, tomaram-lhe a Bíblia e condenaram-no à morte, o que foi feito pelo Concílio de Constança, sem que uma única voz se erguesse em sua defesa. Após ter sido emparelhado com os piores heréticos e sua alma encomendada ao diabo, foi entregue ao braço secular e queimado. Dando seu último testemunho perante o Concílio, na catedral, expressou o desejo de que sua alma fosse para onde se achava a de Wyclif. Com seu mestre inglês, Huss definiu a Igreja como o corpo dos eleitos, asseverando que a Igreja Romana é uma comunhão *particular* e não a totalidade do corpo dos crentes. Seu testemunho acerca da soberania da consciência dificilmente tem sido igualado pelo homem. Quando foi convidado a retratar-se, ele negou a isso, dizendo: “Não suceda que eu peque contra a consciência e contra a verdade de Deus”. Depois de se ter familiarizado com a obra de Huss – *Sobre a Igreja* – Lutero escreveu a Leão X, em 1520: “Digo-o diante de tua face, Santíssimo vigário de Deus, que todos os artigos de João Huss, condenados em Constança, são verdadeiros e cristãos”. Mais tarde ele deu testemunho de que, se jamais o sol brilhou sobre um homem cristão e mártir, esse homem foi João Huss.

O movimento de Florença, conduzido por Savonarola, em prol de transformações políticas e de aspirações morais, levou Savonarola à fogueira. O pontífice então reinante, Alexandre VI, só viu no monge um perturbador da paz e um sacerdote rebelde e escreveu que ainda que ele fosse outro João Batista, mesmo assim seria condenado à morte. Já com a respiração ofegante de moribundo – 1498 – e desafiando à autoridade pontifícia, quando o bispo de Vasona pronunciou as palavras: “Separa-te da Igreja militante e triunfante”, Savonarola replicou: “Não; da Igreja triunfante, não”. Esses homens, Wyclif, Huss e Savonarola, conhecidos como Reformadores antes da Reforma, deram digno testemunho de que a autoridade das Escrituras é, na Igreja, superior a toda autoridade humana, testemunho que, em tempos mais favoráveis, o mundo estaria pronto a escutar.

§ 8. Os últimos papas da Idade Média. – Não menor testemunho de toda eloquência, acerca da necessidade de uma reforma da Igreja, foi a corrupção da corte papal, durante o derradeiro meio século da Idade Média. Podia parecer fosse propósito divino tornar manifesto, pelas vidas desregradas dos últimos papas medievais, que o Reino de Deus sobre a terra sobreviveria, apesar do desafio que os líderes da Igreja pudessem lançar contra as leis daquele Reino. De 1470 a 1517, a corrupção do Vaticano e dos cardeais

DAVID S, SCHAFF - NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

ultrapassou a dissolução do período de Avinhão, pelo menos na prática ostensiva do mundanismo, frivolidade e extravagância, excedendo-se em sensualismo. Essa condição moral do papado ainda continuou por duas gerações, após 1517. O apego dessa sucessão de pontífices ao prazer e aos assuntos mundanos era tão flagrante, que Pastor, historiador católico romano, ousou comparar esses papas aos indignos imperadores dos primitivos séculos cristãos. As dignidades e os benefícios eclesiásticos pareciam existirem com o propósito único de habilitar o sumo pontífice da Cristandade a enriquecer seu erário. Cada ofício eclesiástico tinha um preço. Era como se os papas encarassem sua autoridade, antes de tudo, como alguma coisa que oferece oportunidade de enriquecer os sobrinhos e outros parentes com títulos eclesiásticos e com situações e ofícios civis.. Bastam os seguintes exemplos: Sixto IV nomeou cardeais a três de seus sobrinhos, assim como a um sobrinho-neto, Rafaeli Riario, de dezessete anos. Alexandre VI, que havia nomeado seu filho, César Bórgia, arcebispo de Valência, quando contava ele dezesseis anos, fê-lo cardeal aos dezoito. Paulo III, 1534-1549 – admitiu ao Sacro Colégio seus netos, Alexandre Farnese, de quatorze anos, Guido Sforza, com dezesseis e um sobrinho de igual idade. O chapéu vermelho e a mitra se vendiam aos que oferecessem mais elevados lances. Sem darem atenção às qualificações espirituais, os príncipes reclamavam para os filhos as mais altas honras da Igreja. João de Médici, depois Leão X, foi feito cardeal aos reze anos; Hipólito de Este, seu primo ilegítimo, aos quinze; João de Aragão, aos quatorze; um filho do rei da Polônia, aos dezenove; um filho do rei de Portugal, aos sete anos. Um filho ilegítimo de Fernando de Espanha foi arcebispo de Saragoça aos seis anos. Em toda sua história, as acumulações de encargos eclesiásticos (pluralismo), o absentismo e a simonia não tiveram período mais florescente como o quadro que se abre entre Sixto IV e Paulo IV. Pastor, citando a *Regesta* de Leão, fala de cinqüenta e cinco benefícios eclesiásticos tocando a um único caçador de curatos. Durante o século XV, um menino de dez anos e outro de dezessete anos, ocuparam a sé de Genebra. Na João, filho do duque de Lorena, nomeado bispo coadjutor de Metz aos cinco anos de idade, e entrando em pleno exercício do cargo sete anos depois, arrebanhou para si, um após outro, os bispados de Toul e Terouanne, Valence e Die, Verdun, alby, Macon, Agen e Nantes. A esses cargos foram adicionados, em sucessão, os arcebispos de Narbona, Reims e Lyon. Na Alemanha, havia cass de não menos de vinte benefícios tocando a um só eclesiástico. Dos duzentos e vinte e oito bispos alemães que ocuparam seus cargos entre 1400 e 1517, todos, com exceção de treze, eram nobres. Na Inglaterra, a nomeação de italianos para altas posições havia, desde longo tempo, constituído assunto de fortes queixas. O conceito popular em que eles eram tidos foi revelado por Latimer, em 1549, quando disse: “Esses chapéus romanos nunca trouxeram felicidade à Inglaterra”.

Os cardeais que residiam em Roma não procuravam resguardar as amantes das vistas do público. A paixão do jogo os envolvia na perda ou no ganho de somas enormes, em uma só noitada. Os papas assistiam a sujas comédias, representadas no Vaticano e os cardeais se misturavam às senhoras que acorriam, como convidadas, às brilhantes diversões que os papas arranjavam. Os filhos de papa eram dispensados por seus pais dos votos sacerdotais, para que pudessem casar-se. A praça de S. Pedro se transformou em tourada no dia em que o filho do papa, César Bórgia, vestido de toureador, lutou na arena, como se deu no festival de 1492, para comemorar a libertação da Espanha do domínio dos mouros. Escândalos dessa espécie foram presenciados por dignitários do Vaticano, seus contemporâneos, como Infessura, Platina e Burchard, mais tarde bispo. A negra escala ascendente de depravações morais que envolveu Alexandre VI, pontífice durante os últimos

anos do século XV – 1492-1502 – forçou Pastor a dizer que o “demônio da sensualidade continuou a dominá-lo até o fim da vida”.² Pelo menos sete de seus filhos foram legitimados, quer pelo papa seu antecessor, quer por ele próprio. As cartas de Vanozza, mãe de cinco deles ainda existem. Lucrecia, filha de Alexandre e estrela da cidade papal, casou-se sucessivamente com três cavalheiros. Suas terceiras núpcias foram celebradas com brilhantes festas no Vaticano, em presença de cardeais e de cento e cinquenta damas de honra, que permaneceram até às cinco dançando e assistindo a comédias. Quatro cardeais acompanharam César Bórgia, então dispensado das ordens sacras, em viagem de Roma à França, para desposar sua eleita. O sucessor imediato de Alexandre, pio III, pai de numerosa família, bem depressa cedeu lugar a Júlio II, conhecido como o papa guerreiro. As três filhas de Júlio não deram escândalo no Vaticano, como havia acontecido no tempo de Alexandre. Júlio, entretanto, não trepidou em nomear cardeais a quatro de seus sobrinhos. Era mais soldado que sacerdote e no campo envergava uma cota de malha. Uma comédia representada num teatro de Paris, em 1514, pouco tempo depois da morte do pontífice, mostra-o à porta do céu, impedido ali de entrar por S. Pedro, o porteiro. Júlio reclama, falando da opulência de Roma, de suas guerras e da multidão de empregos que estiveram ao seu dispor, Como S. Pedro pedisse que o recém-chegado lhe dissesse alguns de seus atos como vigário de Cristo e não lograsse resposta, o Apóstolo declara-o perverso da Igreja e toma-o como o imperador Julião, o Apóstata, de regresso do inferno.³

No pontificado de Leão X, 1513-1521, Lutero começou sua carreira. O Vaticano era centro de alegria e boa vida. O jovem papa revelou o conceito em que tinha o papado através de uma carta endereçada ao irmão: “Deus nos deu o papado. Gozemos dele”. Leão era bom camarada. Era condescendente. Tinha boa aparência: veio para o Vaticano com botas de caçador, passava dias seguidos em sua cabana de caçada e assistia a comédias representadas no Vaticano. A despeito das rendas provenientes dos domínios papais e do arrendamento de privilégios comerciais na cidade de Roma, foi forçado a empenhar a tiara papal para fazer face aos gastos que seus empreendimentos acarretavam. Quando Leão morreu, o tesouro papal estava com um débito de 800.000 ducados. Seu pontificado, uma felicidade para si mesmo, foi um desastre para a Cristandade Romana. O papado se tornara um peso morto para o Cristianismo. Em sua história do Concílio de Trento, Sarpi observa que “Leão teria sido um papa perfeito, se houvesse adicionado a suas demais qualidades algum conhecimento dos negócios de religião e maior inclinação à piedade, para os quais não manifestou grande interesse”. Não era imperiosa a oportunidade para que Lutero escrevesse a Leão X: “É mais claro do que o dia que a Igreja Romana, outrora a mais santa de todas, tornou-se no mais licencioso covil de ladrões, no mais impudico de todos os lupanares, reino do pecado, da morte e do inferno, de modo que, nem mesmo o anticristo, se viesse, nada poderia imaginar para acrescentar a essa iniquidade”?

O sucessor de Leão, Adriano IV, 1521-1523, subiu ao trono papal com a mente inclinada ao empreendimento de melhor coisa, mas apenas conseguiu atrair o abandono e o ridículo por parte dos romanos. Sob seus sucessores, Clemente VII, Paulo III e Júlio III, agravaram-se as vergonhosas condições. De fato, tão próximo chegara o papado a ser tido como presa mundana, que o imperador Maximiliano tomou medidas tendentes a incorporá-lo à coroa imperial.

§ 9. Abusos clericais. – Com tais escândalos avançando em Roma, capital do mundo cristão, nenhum movimento geral tendente a reformas poder-se-ia esperar do clero

européu. Ao longo de anos nem uma só reforma de ordem moral fora alvitada pelo Vaticano – e quem quer que propusesse reformas, como o admirável cardeal de Cusa, era reprimido, acabando no cárcere ou na fogueira. Na Itália, poucos padres sabiam ler, ou talvez nenhum. No país de que partiu a Renascença, esta não proporcionou melhoria à moral clerical, Pelo contrário: aquele movimento foi seguido da paganização da sociedade. Sua cultura floresceu num pântano de confusão moral e revivificou o ateísmo. Bocaccio e Aretino satirizaram o celibato clerical e zombaram dos exercícios religiosos. As *Facetiae*, ou *Anedotas*, de Poggio, que morreu em 1459, após ter sido secretário de oito papas, e as Histórias de Bebel, 1497, professor em Tübingen, estão tão repletas de obscenidades, que provavelmente as mais baixas revistas de hoje se recusariam a reestampá-las.

No Norte, onde havia um movimento orientado para coisas melhores, a preguiça e ignorância do clero eram tais, que provocaram o ridículo de Erasmo e de Von Hutten. Em Roma, como referia este último, um mesmo pálio de arcebispo fora vendido duas vezes no mesmo dia. Três coisas, disse ele, eram expostas à venda na cidade santa: Cristo, benefícios eclesiásticos e mulheres, e três coisas afligiam os romanos: a paz entre os príncipes, a ilustração e a descoberta das fraudes piedosas. As dietas alemãs de 1461 a 1523 formularam queixas contra a moral e a concussão de Roma. Em 1502 e 1510 resolveram elas que o dinheiro coletado pela venda de indulgências não devia sair da Alemanha. O real inimigo do Cristianismo – declarou a dieta de 1518 – não era o turco, mas “o bruto do inferno, em Roma”. A dieta de 1522 e outras dietas lamentaram a desfaçatez dos sacerdotes alemães, corrompendo mulheres, e a dieta de 1523, alinhando em cem artigos os abusos sob os quais cambaleava a religião na Alemanha, citava como prova o concubinato clerical, tolerado pelos bispos em troca de dinheiro. A tão grande altura havia chegado aquele mal que, na Suíça, certas paróquias obrigavam os sacerdotes a se casarem, como meio de proteção às famílias. Na diocese de Constança, o imposto arrecadado em 1502, na base de 4 florins por filho de padre, somou 7.500 florins. Na diocese de Bamberg, uma faixa de 5 florins foi lançada sobre cada criança naquelas condições: em 1512 o produto de semelhante taxa rendeu 1.500 florins. Em 1505, na primeira sessão da dieta alemã, a temporada de danças foi aberta pelo arcebispo de Colônia, tendo uma abadessa, com freiras de Santa Úrsula e Santa Maria, tomado parte na festa, com assistência do imperador Maximiliano. Sacerdotes, como Zwinglio, que se uniram aos Reformadores, tinham vivido em concubinato, ou, como Bullinger e Leão Jud, eram filhos de sacerdotes. O historiador católico, Janssen, fala da libertinagem nas catedrais da Alemanha e da ignorância dos cânones como coisas proverbiais, apelando para os decretos dos Sínodos, que não deixavam dúvidas sobre o fato de que a maior parte do clero alemão havia quebrado, sem escrúpulos, os votos de celibato.

Na Inglaterra as coisas eram um pouquinho melhores. O cardeal Wolsey estabeleceu o exemplo de violação da lei da castidade. A ignorância quase incrível do clero é atestada pelo relato de uma visita pastoral feita pelo bispo Hooper, em 1551: de trezentos e onze clérigos examinados, cento e sessenta e oito, em sua diocese, foram incapazes de repetir os Dez Mandamentos; quarenta não puderam dizer onde se encontrava o Pai Nosso e trinta e um não sabiam dizer quem era o seu autor. No sermão pregado em Stamford, Latimer disse que se habituara a recitar o Pai Nosso antes e depois de cada sermão, visto ter encontrado muita gente que o não conhecia. A *Petição do Mendigo*, escrita nas vésperas da Reforma inglesa, acusava o clero inglês de não ter outra ocupação séria a não ser a destruição da paz das famílias pela corrupção das mulheres. Tyndale é autoridade competente para declarar que os clérigos possuíam concubinas, não só comprando a

dinheiro aos arqui-diáconos, o privilégio, mas também mediante licenças expedidas pelo papa. Na Escócia os prelados abertamente casavam as filhas com os filhos dos nobres. O cardeal Beaton tinha sete bastardos. Em 1546 sua filha mais velha se casou com o conde de Crawford. A filiação ilegítima não constituía obstáculo ao exercício de cargos eclesiásticos. O filho natural de Tiago IV se tornou arcebispo de Santo André aos dezesseis anos. Cinco filhos bastardos de Tiago V foram colocados à testa de outras tantas abadias escocesas. O arcebispo Himalton, de Santo André, era filho ilegítimo do conde de Arran e abertamente reconhecia a seus filhos.⁴

§ 10. Superstição e feitiçaria. – A essas condições, que tornavam imperiosa uma enérgica reforma da cristandade, somavam-se as superstições populares e o encorajamento que elas recebiam do papa para baixo. Os crédulos, na Alemanha e na Inglaterra, corriam em massa para os altares onde se expunha ao público, em Durren, o crânio de Sant’Ana; em Wilsnack, a hóstia ensangüentada; o vestuário de Tomaz de Becket em Canterbury; a imagem de nossa Senhora que movia a cabeça e o leite coagulado saído de seu peito, em Walsingham. Roam tomou a dianteira, dando crédito às mais selvagens falsidades e apadrinhando-as. Em 1462 a cabeça de Santo André foi adicionada às outras relíquias da basílica de S. Pedro, tendo sido à chegada recebida com brilhantes cerimônias e um panegírico pregado por Pio II, congratulando-se com o crânio silencioso pelo fato de ter sido finalmente libertado das mãos do turco e de achar lugar de repouso ao lado do irmão do Apóstolo, Pedro. Cerimônias ainda mais pomposas, se possível, foram organizadas em Roma para a recepção da Santa Lança, a pretensa arma com que Longuinho havia ferido o lado do Salvador. A sagrada relíquia tinha vindo das mãos de uma personagem que era, sem tirar nem por, o Sultão Bajazet., e semelhante circunstância tirava todo interesse ao fato de andar a Lança sendo disputada, ao mesmo tempo, pelas duas cidades de Nuremberg e Paris.

Encaminhando-nos para o futuro cenário da Reforma, somos levados aos notáveis relicários do Norte, às 5.005 relíquias de Wittenberg, colecionadas quando o Reformador contava vinte anos, e às ainda maiores coleções de Halle, com 8.933 relíquias, pertencentes ao arcebispo de Mogúncia. Entre os tesouros de Wittenberg, figuravam um dedo de Sant’Ana, a “bendita avó”, e também sua mão direita; leite do seio da Virgem; um fragmento da coroa de espinhos e palha da manjedoura de Belém. Uma relação, em 1507, oferece detalhada notícia da exposição e do divertido pasmo com que um estudante olhava para os sagrados objetos. Não se maravilhe alguém de que ele exclamasse que, se seus antepassados ainda vivessem, julgariam que a própria Roma tivesse sido trasladada para a cidadezinha alemã.⁵

Quanto à feitiçaria, basta que neste lugar se diga que, como a Idade Média tocava ao fim, a crença na influência maléfica ocasionada pelo contato íntimo de homens e mulheres com os demônios, conduzia às chamas milhares de vítimas. A credence assumiu as proporções de pânico quando Inocêncio VIII, justamente uma geração antes do começo da Reforma, ordenou que os inquisidores da Alemanha cumprissem seu dever de entregar à morte as pessoas suspeitas de serem fascinadas por aliança com o maligno.

Se a história dos dois últimos séculos da Idade Média, os séculos XIV e XV, for devidamente estudada, ver-se-á que eles oferecem o espetáculo de tal perversão da verdadeira crença, que eclesiásticos notáveis, como Gerson e d’Ailli, e pensadores independentes, versados em teologia, tentavam remediar em vão, uns por meio de reformas na administração dos negócios eclesiásticos, outros pela simples volta ao Novo Testamento,

como Código autorizado da Igreja. Se Israel teve seus profetas nos tempos de declínio, profetas que clamavam pelo arrependimento em pó e cinza para a reforma nacional, assim aconteceu com a igreja durante aqueles dois séculos.

Como os profetas hebreus, os escolásticos do século XV foram completamente derrotados. O interesse e a paixão moral da administração papalina venceram. A sugestão do regresso aos princípios originais do evangelho foi tratada como a proposta de abolição da escravatura teria sido acolhida pelo Senado Romano, no primeiro século de nossa era. Os pontífices, que se presumiam chefes da Cristandade, não foram sequer a aparência da piedade. A noite era negra. Nenhum auxílio se entremostrava. Conquanto em outros domínios, desde a descoberta de novas terras até a invenção da imprensa, estavam em atividade as forças do progresso, a religião parecia destinada a permanecer imóvel, sendo seus líderes incapazes de levar a cabo qualquer mudança para uma nova ordem, ou estado positivamente desinteressados em tentarem sequer semelhante mudança. Grande era a necessidade! O que os papas não tentaram realizar, e eminentes chefes eclesiásticos e Concílios foram incapazes de cumprir, um só homem, Martinho Lutero, fez.

Bibliografia e Notas

Burckhardt: *The renaiss in Italy*, Basel, 1860, trad. 8a. Ed., 1920. – Scholz: *Publizistik sur Zeit Philip iV u.Bon. VIII*, pp. 529, 1903. – Riezler: *D. Lit. Wiedersacher d. Papste*, pp. 336, 1874. – Haller: *Papstthum u. Kirchenreform.*, pp. 548, 1903. – Huizinga, de Leyden: *The Waning M. A.*, 1924. – Coulton: *St. Francis to Dante*, 1906; *Five centt. Relig from 1.000 A. D.*, Cambr., 1923, pp. 573. – Adams: *Civilization dur. The M. A.*, 1894 – Munro: *The M. A. And Mod. Europe*. 1905 – Gasquet, R. C.: *Eve of the Reftn.* 1905; *Monastic Life in the M. A.*, 1922.

- 1- Vide Finke – *Aus d. Tagen Bon. VIII*, p. lxxxviii. Haller, p. 45, diz do período de exílio em Avinhão – Geldsammeln war d. vornehmste Sorge.
- 2- Peter de Roos: *Materials for a Hist. Of Alex. VI*, 5 vols., 1924, fez esforços ára mostrar que Alexandre era um excelente papa e homem de boa conduta moral, tentativa tão desesperada como a de suprimir os gelos do círculo polar. Thurston, R. C., *Month*, abril de 1925, declarando fútil a tentativa de Roos, diz: “Não insistirei na descrição, absolutamente indigna de ser impressa, de modo por que Alexandre passou a noite entre Todos os Santos e 2 de novembro de 1501”, e alude “à metade da propriedade dos Colonna, confiscada e doada a seu filho, que ele tivera com certa dama de Roma, antes de se tornar papa”.
- 3- Escrevendo acerca de seu tempo, disse Gicciardini, 1483-1540: “Não sei se havia homem que estivesse mais desgostoso do que eu com a ambição, avareza e efeminação dos sacerdotes. Entretanto, minha posição na corte de vários papas havia tornado necessário que, em razão de meus interesses particulares, respeitasse a posição deles. Não fora isso e eu teria amado ternamente a Martinho Lutero, não com o intuito de abrir mão das leis estabelecidas pelo governo de Cristo, mas no objetivo de ver aquele bando de vilões reduzido à extremidade de se apresentarem sem vícios ou sem autoridade”.
- 4- Jewel, *apol.*, p. 71, expõe uma impressão acerca das condições prevalecentes em Roma, nestes termos: “há em Roma muitos milhares de meretrizes públicas e o próprio papa retira, anualmente, dessas meretrizes, mais de 30.000 ducados, a título

DAVID S, SCHAFF - NOSSA CRENÇA E A DE NOSSOS PAIS

de pensão anual. Ele próprio mantém casas de tolerância e, através de um lucro sujíssimo, imunda e torpemente serve à própria cobiça”, etc. Em sua *Obedience of a Christ. Man.*, p. 191, e sua *Answer to More*, pp. 52, 150, Tyndale repetiu as mesmas acusações, dizendo ainda que “o papa permitiu ilegal concubinato a tantos quanto trouxessem dinheiro, de modo que, através da Holanda, todo sacerdote que pague em *gulden* ao arcediogo, terá livre e pacificamente sua concubina”, etc.

- 5- Viva descrição da visita do estudante, 1504, foi descoberta e publicada por Hausleiter, 2ª ed., 1903, pp. 88.